

Religião e o declínio da magia, de Keith Thomas. São Paulo: Companhia das Letras, 1991.

Por Cláudio Luiz Pereira*

Com exatos 20 anos de atraso passa a fazer parte da boa biblioteca em língua portuguesa o livro *Religião e o Declínio da Magia* de Keith Thomas, de reconhecida importância dentro da moderna historiografia inglesa e inovador na sua época por incorporar, como paradigma, algumas das contribuições então vigentes na antropologia britânica.

O objetivo primordial de Thomas é compreender alguns sistemas de crenças que, normais na Inglaterra dos séculos XVI e XVII, já não gozam do mesmo significado em nossa época. Enseja-nos, desse modo, uma prazerosa viagem através de temáticas tão fecundas quanto a religiosidade popular, a magia na igreja medieval, o impacto da reforma protestante, a prece e a profecia, a Cura mágica, o curandeirismo, assim como a astrologia. Percorre formas clássicas de apelo ao passado, tais como as antigas profecias, ou ainda crenças como fantasmas e duendes. Seu eixo é, em alguns momentos, a forma específica da bruxaria na Inglaterra, associada à história da criminalidade, de modo a dar conta dos mecanismos sociais de produção da bruxa, bem como de seu declínio. A parte final e a conclusão detém-se, como o próprio título sugere, em caracterizações das razões do declínio da magia.

O próprio autor reconhece que o inevitável resultado do empreendimento foi um livro muito extenso. Não obstante tenha sido obrigado a realizar reduções e simplificações, fez questão de resgatar certa unidade temporal essencial, indo da Reforma ao Iluminismo, a notável mudança da ordem intelectual, sobretudo nos últimos anos do sécXVII. Este lapso temporal também é determinado pelas fontes que impõem um limite à investigação, pois a partir do século XVII os registros básicos, tanto civis quanto eclesiásticos, deixam de ser informativas sobre os temas tratados.

No entanto, para o leitor desinteressado pelo conjunto dos temas, o livro está organizado de tal maneira que permite saltar algumas partes, ou intercalá-las, sem maiores prejuízos, embora o autor advirta que se

Antropólogo da Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas (UFBA) e **Mestrando** em Sociologia da Universidade Federal da Bahia.

Caderno CRH, n. 16, p. 123-126, jan/jun, 1992.

deve estar atento ao fato de que o todo se propõe a ser mais do que a soma das partes.

Produtor de uma pesquisa sistemática, Thomas reuniu uma documentação vastíssima. Examinou-a a partir de pontos de vista particulares, tais como o psicológico, buscando as explicações das motivações dos participantes no drama da feitiçaria; o sociológico, mediante tratamento analítico da situação em que estas acusações de feitiçaria costumam ocorrer; e o intelectual, cujo objetivo é explicar aquelas concepções que viabilizaram estas práticas.

Segundo ele seria possível vincular o declínio das crenças mágicas à consolidação dos espaços urbanos, à ascensão da ciência e difusão de certa ideologia denominada de "autoajuda". Entretanto, postula uma conexão apenas aproximativa entre estes fatores e reivindica a necessidade de se proceder uma genealogia sociológica rigorosa, impossível no momento de sua pesquisa, e que resgataria os participantes da história que se tornaram ocultos, ciando também maior representatividade às ações daqueles que se tornaram protagonistas evidentes.

Assim, em seu estudo, o grupo social identificável por sua participação ativa na campanha contra certos tipos de magia é o clero, sobretudo pela sua atitude, em geral extremamente ambivalente, para com o sobrenatural. Thomas afirma, com zelo metodológico: "Não parece ser possível dizer que o crescente 'racionalismo' da teologia natural foi um desdobramento teológico espontâneo ou uma simples reação às pressões da ciência natural. Não há dúvida de que teria sentido se pudéssemos provar que foram as classes médias urbanas, os comerciantes e artesãos que tomaram a dianteira no abandono das velhas crenças, mas, no presente, parece não haver modo de fazer isso" (p.542).

A Inglaterra era, no período abordado, uma sociedade marcadamente pré-industrial e algumas de suas características essenciais eram similares às das atuais "áreas subdesenvolvidas". Sua população era relativamente pequena e majoritariamente instalada no campo: em torno de 2,5 milhões de habitantes na Inglaterra e País de Gales em 1500, enquanto que em 1700 não mais de 5,5 milhões.

Nem mesmo na segunda metade do século XVII eram claros os indicadores da industrialização que mudaria a face da Inglaterra. O quadro social era radicalmente estratificado, e eram evidentes os contrastes entre pobres e ricos. De acordo com Thomas, entre um terço e metade da população vivia pauperizada, condenada a aceitar um insuportável nível de subsistência e um estado crônico de sub-emprego. Diante do que, afirma: "É essa enorme variação no padrão de vida, nível de instrução e sensibilidade intelectual que torna essa sociedade tão diversificada e, por conseguinte, dificulta tanto as generalizações"(p.18).

Desta forma, e na busca dos parâmetros que sabe diversificados, o Autor vai definir as crenças mediante determinadas e complexas implicações sociais e intelectuais. Em sua característica particular e central, as crenças apontam para uma permanente preocupação com a explicação e com a minimização das experiências humanas do infortúnio. Thomas se detém naqueles fatores relacionados à expectativa de vida, sempre incerta, aos mecanismos de mercado, notadamente a sempre insuficiente oferta de alimentos. Noutro ponto, destaca a impotência frente às doenças como um elemento básico às crenças abordadas, ressaltando a incipiência das técnicas médicas do período, a insuficiência de médicos e da instituição hospitalar. Ressaltava a ocorrência da peste que provocava súbito terror e efeitos sociais violentos. Refere e aponta outras formas de catástrofe que marcavam a vida cotidiana, tais como as ameaças à segurança pública, cuja análise curiosamente é centrada no medo de incêndios. Alude também aos elementos que corrompiam a vida social, como os vícios, os narcóticos, o álcool ("que dissolvia as diferenças sociais"), o tabaco, e mesmo o jogo de apostas.

O Autor procura trazer à luz a interrelação das várias crenças mágicas e, para tanto, argüi sobre a necessidade de tratá-las em conjunto, após realizar um levantamento detalhado de diferentes aspectos da vida da Inglaterra do período. Para ele, os nexos que uniam a magia, a astrologia e a bruxaria foram, a um só tempo, intelectuais e práticos.

Se, no entanto, os laços intelectuais entre crenças tão distintas eram importantes, a astrologia e a bruxaria em geral funcionavam como sistemas rivais de explicação, uma vez que atribuir um desastre, por exemplo, à malignidade de um vizinho, era o mesmo que descartar a possibilidade de que houvesse uma causa astral. Já a astrologia, fornecia uma explicação elaborada e coerente para tal acontecimento, fosse através da geomancia, da quiromancia ou da fisiognomonia.

Mais difícil do que perceber a unidade das diversas crenças mágicas, é estudar as relações destas com a religião da época. Sua ênfase recairá, essencialmente, sobre as "funções paralelas" da religião, da astrologia e da magia, já que todos postulavam ajudar os homens em seus percalços do dia a dia, orientando-lhes de forma a evitar as desgraças e explicando-as quando sobre eles se abatiam.

Sublinhar essas funções paralelas não significa tornar trivial a religião, ou reduzi-la a um elementar sistema de magia. Neste sentido, Thomas afirma que o cristianismo era heterogêneo, com rituais que proporcionavam um simbolismo peremptório da experiência humana, cuja relevância social e psicológica suplantava contextos específicos em que certos aspectos puramente mágicos eram revelados. Dialoga criticamente com Malinowski, variando em torno da afirmação de que a religião se refere às questões fundamentais da experiência humana, enquanto a

magia gira em torno de problemas mais particulares, ao tempo que concretos, detalhados.

Na Inglaterra, a magia popular cumpria apenas um número limitado de funções, tais como proporcionar proteção contra a bruxaria e remédios variados contra formas particulares de aflição, como doenças, roubos e afetividades desafortunadas. Nunca oferecia uma visão de mundo abrangente, uma explicação da aventura humana ou uma utópica vida futura. Era um receituário heterogêneo e não uma doutrina aberta. Por oposição à fé cristã, princípio relevante para todos os aspectos da vida, a magia era tão somente um meio para superar dificuldades específicas. Desse modo, em que pese seus aspectos expressivos, como os rituais, o papel da magia era muito mais restrito que o da religião.

Associados ao declínio da magia estariam, por sua vez, alterações intelectuais importantes, o desenvolvimento tecnológico e sobretudo a formulação de novas aspirações, que foram capazes de redefinir o quadro social. Não obstante, como o Autor parece querer sugerir, a depender de como se encare, postular o desaparecimento da magia é, no mínimo, temerário: "O certo a respeito das várias crenças discutidas neste livro é que hoje em dia elas ou desapareceram ou pelo menos tiveram o seu prestígio seriamente abalado. Por isso é bem mais fácil isolá-las e analisá-las. No entanto, isto não quer dizer que são intrinsecamente menos merecedoras de respeito que algumas das crenças que conservamos até hoje. Se definirmos a magia como o emprego de técnicas ineficazes para afastar a ansiedade quando as eficazes não estão à mão, então teremos que reconhecer que nenhuma sociedade estará jamais livre dela" (p.544).